

IDADE DA INTERPRETAÇÃO: a verdade pós-metafísica no pensamento de Gianni Vattimo¹

Leandro Uber²

RESUMO: Objetiva-se neste artigo a apresentação analítica da relação entre interpretação e experiência de verdade pós-metafísica na Contemporaneidade, a partir de Gianni Vattimo. Tal objetivo justifica-se frente ao pensar do filósofo italiano, no aspecto niilista da ontologia hermenêutica, que segue o aforismo nietzschiano da morte de Deus e a concepção heideggeriana do fim da metafísica. Assim, se faz notória a busca da ἀλήθεια (verdade), cuja imagem pós-moderna é reflexo da experiência pós-metafísica de características interpretativas pluralistas, de modo que, para Gianni Vattimo a verdade envolve abertura, diálogo e o bom senso entre sujeitos, a fim de desdobrar a verdade em si, sem interesses estéticos e retóricos. A partir de Nietzsche e Heidegger, Vattimo articula ser provável rescindir a história e retornar às “raízes”, a fim de iniciar uma “pós-história”. Nisto consiste a Idade da Interpretação, ou seja, o tempo que questiona as envergaduras dadas, dispondo-se a criticar a verdade como monumento e alcançar o Ser como futuro. Para atingir este objetivo, será exposta a questão da encarnação do Verbo, no Cristianismo, que aplaca o mundo com a missão de versar na história a verdade do próprio amor, enquanto caridade.

Palavras-chave: Verdade. Cristianismo. Caridade.

1. INTRODUÇÃO

A problemática deste artigo propõe os dizeres que abrangem a denominada *Idade da Interpretação*, bem como os eventos que concernem o ponto de vista de uma experiência de *Verdade Pós-Metafísica*. A partir de tais termos, buscar-se-á os

¹ Este trabalho é uma versão resumida de minha monografia, de mesmo título, apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), sob a orientação do Prof. Me. Marcos José Alves Lisboa.

² Graduado em Filosofia (Bacharelado) pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Email para contato: luandro.uber@gmail.com.

principais pensamentos que são explanados, por Vattimo, com relação ao *homem pós-moderno* e sua *sociedade múltipla*.

Deste modo, vê-se que o *pluralismo* da Contemporaneidade exige uma resposta do pensamento filosófico, tendo em consideração as circunstâncias históricas não fundadas metafisicamente. Neste horizonte de pertencimento há uma verdade pós-metafísica, que se revela na exigência de uma nova postura quanto aos *valores últimos*.

Diante deste pressuposto, por consecutivo, o artigo tem por alicerce o método *fenomenológico-hermenêutico*, dado sua importância na compreensão da experiência humana que versa os conceitos de *interpretação e verdade*. Descarta-se, desse modo, a possibilidade de se realizar uma verificação pautada em exatidão e objetividade. Expressando que a apropriação da questão em voga se baliza na investigação do conteúdo expresso pelo humano.

Assim, buscaremos a captação das visões de homem e mundo que embasam o adágio fenomenológico em sua complexidade, pela via heideggeriana do método. Afinal, entender o mundo que é trazido por outro exige a suspensão de um mundo já conhecido por pré-conceitos. A fenomenologia é pertinente, pois refere-se a apreensão que privilegia o aprofundar de questões existenciais humanas. Já a hermenêutica constitui-se como um auxílio nesta trilha, pois nos traz o rigor necessário para uma aproximação ao sentido e a relação do Ser com mundo.

Neste sentido é necessário, ao contexto, pautar a visão erigida pelo homem na esfera da interpretação, a fim de apresentar a questão que se refere a experiência *estética e retórica*, por meio das análises de Vattimo a propósito da demanda imposta sobre a filosofia e a religião na pós-modernidade. Resta-nos, por meio deste trabalho, perguntar e abordar acerca das pertinências da proposta vattiminiana para que o ser humano frente a cultura pós-moderna possa usufruir, de forma mais concisa, da experiência de verdade.

Cabe observarmos se indivíduo da Idade da Interpretação deve inserir-se com atitude crítica, valorando-se, ou pondo suas vantagens a par do suprassensível, contra as pretensões do objetivismo e a paralisia do novo. Dado que, o que ainda pode dar sentido ao humano, perante a disparidade de religiões e das opiniões, é a *caridade e o respeito* pelo diferente; no mergulho à prática solidária da democracia. Assim, a hermenêutica vattiminiana aparece enquanto técnica e disciplina da interpretação, assumindo um caráter de seta para a ontologia niilista, a qual tem em vista a busca pela experiência da verdade pós-metafísica, seja nos textos bíblicos ou, propriamente, acerca daquilo que nos é verosímil.

Evidenciaremos, assim, o esforço vattiminiano na reflexão sobre a *tradição filosófica*, a qual, lança a questão do *poder ideológico* que, ainda hoje, cria um consenso capaz de ser a base última das verdades. Igualmente, percebe-se que o sujeito inserido na Idade da Interpretação é alguém ultrajado, e, por isso sempre deve buscar compreender e modificar o que lhe circunda, tendo em consideração o não ferimento das noções já dadas. Cabe-nos, então, entender qual a melhor oportunidade para que a humanidade atual possa alcançar primazia de vida.

Assim sendo, compete-nos argumentar porque *a interpretação e a verdade são conceitos sempre atuais*. Uma vez que o destaque se dá pelos conceitos permearem o viver dos seres humanos, através da narrativa, sem deixar de considerar as implicâncias do tema no âmbito social e religioso, que desde os primórdios nos envolvem de uma certa forma. Afinal, de algum destes domínios somos sempre parte, querendo ou não.

Enfim, aqui, propomos esclarecer a estreita conexão que o tempo hodierno, ou seja, a *Idade da Interpretação* tem com relação ao conceito de *Verdade Pós-Metafísica*, no pensar vattiminiano. Isto porque, no contexto atual, *a verdade* nos parece cada vez mais difícil de se representar, devido a sua *feição de liquidez* e a própria *ausência de sentido* que vivemos. A seguir, veremos que para Vattimo este modo de compreensão da verdade de nosso tempo, remete à relação de um *intérprete* que se coloca por inteiro frente ao que lhe advém, no mundo em que se descobre mergulhado, com uma convicção centrada nos moldes da *finitude de si*.

2. PENSAMENTO ENFRAQUECIDO: SECULARIZAÇÃO E ATRIBUTOS DO HOMEM PÓS-MODERNO

A partir de Vattimo é muito comum percebermos que a *herança* pela qual o Ocidente se nutre é baseada em valores como o da *caridade*, da *fraternidade* e da *rejeição à violência*. Questões que, de certa forma, estão na base da *kénosis* de Deus. Essa feição é o que viabiliza a conexão com o Cristianismo, enquanto narrativa da *secularização*. O ser *debole* ou enfraquecido, para Vattimo, denota a secularização. Deste modo, significa:

O fato de que a filosofia pós-metafísica se veja compelida a passar a história do ser como a história de enfraquecimento não é algo que se possa separar da sua pertinência a esta tradição. (...). Reconhecido o seu “parentesco” com a mensagem bíblica da história da salvação e da encarnação de Deus, o enfraquecimento que a filosofia detecta como traço característico da história do ser se chama secularização, entendida no seu sentido mais amplo, que abrange todas as formas de dissolução do sacro que caracterizam o processo de civilização moderno. Se, contudo, a secularização é o modo pelo qual se atua o enfraquecimento do ser, ou seja, a *kénosis* de Deus, que é o cerne da história da salvação, ela não deverá ser mais pensada como fenômeno de abandono da religião, e sim como atuação, ainda que paradoxal, da sua íntima vocação. (VATTIMO, 2004, p. 34-35).

O *Pensiero debole*, mais conhecido como *pensamento enfraquecido*, é uma hermenêutica niilista, que tem por basal sugestão construir uma via ao pensar que não se apreende à necessidade de uma base única e absoluta. Frente a crise do fundamento, que brota sobretudo nas obras de Nietzsche e Heidegger, o aforismo vattiminiano recusa à busca de um novo alicerce e trabalha sem o fulgor máximo da tradição, mas com uma meia luz, como que a do sol em meio a uma floresta.

A base do *pensamento enfraquecido*, para Vattimo, é aquele que se despe

dos atributos da atualidade por meio de um engajar político e social. Lembrando que Vattimo carrega consigo uma gênese católica por via de sua formação, ou seja, uma *herança cristã* que muito se doa com relação ao debate de temas relevantes com analogia ao Cristianismo na sua Contemporaneidade.

Para Vattimo, este pensar é a consciência paradoxal de uma razão que não pode se hastear como detentora absoluta da verdade e que deve estar em contínuo fervor voltado a tarefa de pensar o ser. “A escuta da herança não leva, portanto, apenas à “desvalorização de todos os valores”, mas também à retomada e persecução de determinados conteúdos herdados.” (VATTIMO, 2016, p. 101). A razão, não pode deslembrar as sombras dos aforismos passados, por se idear transparente frente à tradição cartesiana e da *técnica*. Resta agora o pacífico caminho de *vestígios do ser*, alçados por ele próprio. Assim, o autor estimula seus discípulos a receber não mais verdades plenas, mas seus rastros, sinais e acenos.

O *Pensiero debole*, não sendo uma inovação para o pensar, caracteriza-se de modo paradoxo. Aconselha uma acepção de investigação, como uma via que se abre em relação à razão de poder retraduzida e disfarçada, da qual, contudo, julgamos uma despedida decisiva “impossível”. A história advém num lugar de redenção, uma vez que o próprio “[...] Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade.” (Jo 1,14). Extrapolando a significação metafísica de vida, bem como seu arranjo por fases. Do mesmo modo, pode-se dizer que a *história* ultrapassa o sentido do acúmulo desordenado de fatos, e se volve em uma ativa dinâmica com relação ao ser enquanto verdade. O *niilismo*, então, localiza-se na aurora de um tempo de pós-metafísica e de abandono ao ser de aspecto definitivo.

A encarnação, apresenta-se como a fresta para uma nova hermenêutica, ideada sobre as bases da escuta e da interpretação dos vários manifestos da comunicação humana. Esses eventos sugerem escavar o habitual, afim de idear o niilismo, agora, despojado da metafísica do vazio, para uma ação ininterrupta de enfraquecimento. Um abaixar-se do fixo ao hermenêutico diário. O *Cristianismo* após a declaração da morte de Deus e o fim da metafísica, não denota cobrar nenhum caráter acrítico de si. “A radicalização (niilista) da hermenêutica leva, por fim, a um êxito que diz respeito à sua ligação com a modernidade e os seus efeitos finais.” (PECORARO, 2005, p. 102).

A identidade do Cristianismo perante a atmosfera niilista, certamente, consiste em uma renascença do que deveria constituir os cristãos, e distinguir uma classe de mudanças de pensar diferente. Embora, antes, com o iluminismo e o positivismo, a religiosidade era prezada como resíduo de abolição, atualmente tal anseio não tem mais credibilidade. O *fim da modernidade* sobreveio também como fato para o fim das doutrinas capitais que orçavam ter excluído a religião.

Podemos dizer, assim, que o Cristianismo que renasce é erguido pela atenuação hermenêutica, enquanto esvaziamento encarnado. Enfraquecimento que, através dos olhos de Vattimo, é a chave para o artifício da secularização. Por meio de Jesus Cristo é provável conhecer, não mais um Deus do absoluto, mas

sim, um Deus esvaziado e análogo às fragilidades humanas. Mediante a dissolução da metafísica, pelo ser enquanto evento heideggeriano, conforme Vattimo, é admissível reencontrar o Cristianismo, sobretudo, através da caridade e do amor pelo próximo. Porquanto que, “experimentar o amor é mover-se na dinâmica do próprio amor.” (ROCHA, 2013, p. 120).

Assim, a religião adere uma aguda estima para com o argumento da hermenêutica niilista, ou seja, ela acontece pela dissolução metafísica, que já não se mantem em suas exclamações sobre o ser enquanto estrutura sólida e inflexível. Aqui, ela se apresenta uma realidade paradoxal, pois, a morte de Deus torna possível um feitiço atual do Cristianismo, porque o que morre é a ambição de dominar e manipular o próprio Deus. “Aceitar a força da evidência – como soa a tese do realismo gnosiológico – significa sempre fazer uma experiência de finitude: [...].” (VATTIMO, 2019, 77-78, tradução nossa).³ Por meio da morte, então, brotam as expressões do livre-arbítrio e a aptidão criadora do Cristianismo em si.

Avizinhar-se para com a temática do Cristianismo depois da declaração da morte de Deus em Nietzsche e do fim da metafísica em Heidegger, não denota readquirir qualquer atitude acrílica em analogia ao mesmo. Para Vattimo, ao se falar da renascença dos rudimentos cristãos, é imperioso distinguir uma série de modificações na arena do pensamento. Se anteriormente, frente ao iluminismo e o positivismo a religião era acatada como um resquício a ser suprimido, hoje em dia tal anseio submerge sua plausibilidade. Acontece que, com o Fim da Modernidade, também ocorreu o fim das teorias que pensavam ter liquidado a Religião.

Nesse sentido, o Cristianismo que ressurge, para Vattimo, é justamente aquele que surge como enfraquecimento, no acontecimento da própria encarnação de Deus, que em sua expressão elevada culminou na secularização. De um certo modo, Deus mesmo, em Jesus, se advém não mais como o absoluto, mas sim esvaziado e análogo às fragilidades da própria humanidade.

A partir deste ponto de vista Vattimo irá sugerir Heidegger como autor fundamental no que tange a busca pela superação da violência metafísica, através de sua atitude crítica com relação à objetivação metafísica. Por entre a alocação heideggeriana acerca do ser enquanto evento há possibilidade de um reencontro do próprio Vattimo com o Cristianismo, sobretudo, na tomada da caridade como alvo. Vattimo alega que: “[...] a herança cristã que retorna no pensamento enfraquecido é também, e sobretudo, herança do preceito cristão da caridade e de sua rejeição à violência.” (VATTIMO, 2018a, p. 37-38).

De tal modo, o aspecto forte da religião num contexto niilista dá-se justamente por meio de uma dissolução da metafísica que já não parece se sustentar suas apostas sobre o ser, como se esse significasse um estruturalismo fixo e até imutável. Temos, aqui, uma realidade paradoxal, ou seja: uma realidade onde a morte de Deus torna provável uma apresentação hodierna do Cristianismo, uma

³ Do original em italiano: “Accettare la forza dell’evidenza – come suona la tesi del realismo gnoseologico – significa sempre fare un’esperienza de finitezza: [...].”

vez que o que de fato morre é a aspiração de reprimir e manipular Deus. De verás que “os pensamentos dos mortais são tímidos e falíveis os nossos raciocínios; um corpo corruptível pesa sobre a alma e esta tenda de argila faz o espírito pesar com muitas preocupações.” (Sb 9, 14-15).

Assim sendo, através da “morte” nascem as aberturas para a liberdade e a criatividade de novas expressões do Cristianismo em si. Afinal, a herança cristã da qual o ocidente se sustenta é baseada em bravuras como a caridade, a recusa à violência e fraternidade, assuntos que jazem na kénosis de Deus. Feição que concebe a conexão entre o Cristianismo e a história da secularização.

A morte de Deus e do fim da metafísica lançam-nos para o enfraquecimento do Deus como alicerce e a perda das pretensões de se possuir a verdade enquanto totalidade, como a história da metafísica parece ter sempre a buscado. Tal ponto é de fundamental importância, pois, marca a chamada abertura do moderno para o pós-moderno. Enfim, “o pós-moderno também é isso: corresponder ao ser significa corresponder a sua pluralização.” (VATTIMO, 2018c, p. 128).

Por conseguinte, é a própria experiência da kénosis de Deus, que implanta um tempo no qual o Deus absoluto se esvazia, destruindo toda e qualquer estima de continuar pensando a divindade em aspectos de domínio e majestade. “Destruição significa: abrir nosso ouvido, torná-lo livre para aquilo que na tradição do ser do ente nos inspira. Mantendo nossos ouvidos dóceis a esta inspiração, conseguimos situar-nos na correspondência.” (HEIDEGGER, 2018b, p. 34). Por entre esta via, Vattimo sugere desta tradição que seu pensamento enfraquecido sugere a proposta de superação, mesmo que coerente, da metafísica.

3. IDADE DA INTERPRETAÇÃO: UM TEMPO DE DIVERSIDADE QUE CLAMA PELO CONSENSO

Quando nos questionamos sobre a *Verdade*, segundo Vattimo, devemos reconhecê-la de modo específico, em seu âmbito ético, tendo em vista que seu pertencer a tradição é qualificado, propriamente, na *dissolução dos princípios metafísicos*. Um percurso aceito, sobretudo, pela não ampliação prática a respeito de certezas teóricas com bases últimas. Deste modo, ocorre a anuência e o reconhecimento da própria *finitude do homem* como traço inconfundível de ser.

Para Vattimo, uma *verdade histórica herdada* não pode ser instaurada como melhor ou pior que qualquer outra. A *hermenêutica* mudou a realidade das coisas e transformou a filosofia. Da mesma maneira, nos sugere, através de seu pensar, a majestade de termos *História* – de sermos seus portadores e, ao mesmo tempo, modificadores. A História é, para ele, uma *herança*, de modo que, quando falamos de algo, sempre evocamos uma *pré-compreensão*. Retomar os pensamentos anteriores a si é imprescindível, dado que o homem sempre se encontra em alguma situação histórica. Nietzsche e Heidegger são vistos por Vattimo de modo excepcional, como peças de abertura para o tempo atual, ou seja, a *Pós-Modernidade*. Na leitura vattiminiana, os autores citados não tinham apreensão

com a prova do que era dito, mas sim com as respostas às situações vividas. Fatos em que estavam jogados, ou melhor, envolvidos.

Viver é, justamente, dar respostas, recordando que elas sempre estão focadas em interpretações. E as respostas são, consecutivamente, aquilo que revela o que somos, nosso íntimo/interior. Por subsecutivo, para Vattimo, *somos seres históricos*, e o que nos sobra sempre é carregar a raiz (a origem), dado que *o conhecimento é*, ininterruptamente, *interpretação* e nada mais.

Se existe, para Vattimo, algum fato a se falar: é sobre a *interpretação*. Afinal, “na interpretação, dá-se o mundo, não apenas imagens “subjetivas”. Mas o ser (a realidade ôntica) das coisas é inseparável do ser-aqui homem.” (VATTIMO, 2006, p. 64-65). O sujeito nunca é neutro, mas sempre interessado. Isto porque, quanto mais buscamos a *autenticidade da interpretação* (a verdade), percebemos que ela se mostra *eventual e histórica*.

A hermenêutica, em Vattimo, é um arquétipo de enunciação histórica do *fim da metafísica*. O fim das metanarrativas, para tanto, não remete a algo melhor ou maior, mas alude parte de um processo. Este ambiente é o que nos interpela a “[...] colher um fio condutor que servirá para projetar seus ulteriores desenvolvimentos: para estarmos dentro dele, ou seja, como interpretes e não como registradores objetivos de fatos.” (VATTIMO, 2006, p. 66).

Sendo assim, o Cristianismo é datado, por Vattimo, como um introdutor do *princípio da interioridade* no mundo, dado que a hermenêutica em seu sentido mais radical é o maturar de uma *mensagem cristã*. O princípio de interioridade é, para Vattimo, algo que faz parte de quem procura o conhecimento, o que retoma *Agostinho de Hipona (354-430)*, para quem o conhecer opera na *interioridade*. Assim, cabe-nos apontar que, na visão vattiminiana, “não é tão absurdo sustentar que a morte de Deus anunciada por Nietzsche é, em muitos sentidos, a morte de Cristo na cruz narrada pelos Evangelhos.” (VATTIMO, 2006, p. 66). A *Idade da Interpretação* é, por consecutivo, uma síntese que Vattimo faz em atenção aos aspectos ontológicos da atualidade que tem interesse nonexo entre *hermenêutica* e *Cristianismo*. Afirmamos isto porque “o niilismo é cristianismo na medida em que Jesus não veio ao mundo para mostrar a ordem “natural”, mas para destruí-la em nome da caridade.” (VATTIMO, 2016, p. 68).

Segundo Vattimo, ainda, se bem analisarmos a história, intuiremos que o literalismo da Igreja, de modo geral, se modificou com o tempo, por meio da hermenêutica, tanto para responder desafios, quanto para pregar a fé nos lugares mais remotos. Isto, porém, ocorreu por meio de um intuito doutrinário *metafísico* e *objetivista*. Ou seja, Vattimo observa que a voz da Igreja flui sobre crentes e não crentes, por elocuições a respeito da humanidade, através de âmbitos como: o da bioética, da recusa ao sacerdócio feminino e da questão ecumênica, por exemplo. Por entre está linha de pensamento, Vattimo sugere a urgência de o Cristianismo pensar o *Pós-Metafísico* e adotar a postura do próprio *Cristo*, o qual propagou a *aceitação das distinções e a abertura para novos consensos*.

Para Vattimo não é nada escandaloso pensar no Cristo dado pelo Evangelho, do que pensar no Cristo que ressuscitou. Isso porque, só na *Idade da Interpretação* o Cristianismo desdobra todo o seu efeito antimetafísico, ou seja, seu enfraquecimento, e, a “*realidade*” *reduz-se* em todos os seus aspectos e exterioridades, a *mensagem*. Neste ponto de vista, o que nos resta “é esse mundo compartilhado e articulado na língua que possui as características da racionalidade; com ele se identifica o *lógos*, entendido ao mesmo tempo como linguagem e racionalidade do real.” (VATTIMO, 2019, p. 136, tradução nossa).⁴ Segundo o autor italiano, ainda, atualmente, às *leis de mercado* e as *normas naturais* barram uma *vida mais humana e fraterna*, bem como a *corporação de técnicas* e de *especialistas* se sentem autorizados a decidir por nós em tudo.

Na *filosofia pós-metafísica* de hoje e no *neopragmatismo* (de Richard Rorty), e, ou na *filosofia do agir comunicativo* (de Jürgen Habermas), para Vattimo, existe uma enorme vizinhança entre a *verdade* e a *caridade*, como veremos adiante. “A universalidade, por mais paradoxal que seja, se realiza na multiplicidade, fazendo com que a pluralidade seja considerada critério normativo para compreensão do mundo contemporâneo.” (SCOPINHO, 2004, p. 86). Vattimo diz-nos também, que no pensar *pós-metafísico* contemporâneo, o verdadeiro não é mais equivalência da preposição com a coisa. A correlação, aqui, ressalta a preposição acurada por paradigmas, donde a *verdade consiste no que há em comum* dentro de uma comunidade.

O caráter hermenêutico, para tanto, não nos submete aos *fundamentos totalizantes e autoritários*. Segundo Vattimo, a hermenêutica se compreende, diretamente, no estar aberto a *projetualidade humana*. Como resultado, então, resta-nos datar que “nessa postura pós-moderna encontra-se uma pluralidade de seres, de verdades e de histórias particulares.” (ROCHA, 2013, p. 43). Agora, por consequência, cabe a nós ocidentais, tomar o Cristianismo como mensagem histórica de salvação.

Não somos, suficientemente, *niilistas* ou *cristãos*, para Vattimo, pois ainda não conseguimos nos livrar das *amarras metafísicas*, das *certezas* e do *absoluto*. A possibilidade de não cairmos no erro metafísico só se dá quando compreendemos o mundo em seu evento, “isso significa, conforme a definição clássica do termo “*interpretação*”, que não se constata e nem descreve um fenômeno, mas se assume ele como um problema, um ponto de partida, uma situação que nos envolve e exige que tomemos uma posição.” (VATTIMO, 2018b, p. 112, tradução nossa).⁵

⁴ Do original em Italiano: “È questo mondo condiciso e articolato nella lingua che possiede i caratteri della razionalità; con esso si identifica il logos inteso insieme come linguaggio e razionalità de reale.”

⁵ Do original em Italiano: “Ciò vuol dire, secondo la classica definizione del termine “*interpretazione*”, che non si constata e neanche si descrive un fenomeno, ma lo si assume come un problema, un punto di partenza, una situazione che ci coinvolge e ci domanda una presa di posizione.”

Devemos, hoje, pensar nas autoridades históricas que buscaram comandar em nome da verdade, e que se revelaram um engano.

Contra as aporias que tangem o campo da persuasão metafísica, Vattimo nos propõe uma assunção explícita da historicidade cristã. Uma vez que, “assim que tentamos dar conta de nossa condição existencial, que nunca é genérica, metafísica, mas sempre histórica e concreta, descobrimos que não nos podemos colocar fora dessa tradição aberta pelo anúncio do Cristo.” (VATTIMO, 2006, p. 75). Devemos abater as barreiras metafísicas que nos dividem, aquelas baseadas em *prepotências* ou *crenças cultuadas pela individualidade e sede de poder*.

Ora, demolir barreiras não significa sufocar as diferenças, nivelar os problemas, apagar as particularidades ou reduzir o irreduzível. Não; demolir barreiras significa apenas abrir brechas sempre maiores em concepções, muitas vezes demasiado monolíticas, arrogantes e fechadas, com o objetivo de construir um terreno comum, que se possa transformar em uma ágora (hermenêutica) do pensamento e da intervenção. (PECORARO, 2005, p. 18).

Assumir o campo do *pós-metafísico* só é possível, para Vattimo, quando se adere uma *religiosidade não-missionária* - uma vez que a salvação de alguém não depende do nosso ato de fé individual. Neste aspecto, para uma melhor compreensão destes termos, Vattimo assume parte do pensar de *Gioacchino da Fiore (1130-1202)* ou Joaquim de Fiore, um místico italiano, monge e abade, uma das figuras mais interessantes e complexas da espiritualidade cristã medieval. Vattimo faz uma releitura da concepção de tempo, que para Fiore se configura nas Idades (do Pai “Antigo Testamento, período familiar”, do Filho “Novo Testamento, época do clero” e do Espírito “reino dos monges, livre de preocupações doutrinárias ou morais”), as quais para Vattimo vão se tornar nas Idades (da Fé, da Razão e da Interpretação). Isto pode ser concluído, uma vez que “toda formulação da verdade é sempre histórica e temporal, [...], não passa com o tempo, porque é abertura e trâmite para o verdadeiro, e é, por isso marcada pela presença originária e profunda do ser.” (PAREYSON, 2005, p. 59).

Vattimo toma Joaquim de Fiore, tendo-o como possibilidade de se imaginar e viver bem o *exame religioso*, quando *secularizado*. Igualmente, Vattimo idealiza a manifestação sagrada na contemporaneidade por meio da experiência do *Espírito* e a *história da salvação* como a história do manifesto. Na *Era do Espírito*, para Joaquim, não haveria mais mistérios, e a verdade, já arrancada do véu das alegorias, seria vista face a face em visão intuitiva, e o amor reinaria no mundo. O homem, purificado pelo fogo, arrancaria de seu coração as afeições egoístas; não haveria mais luta pela minha e pela sua; A pobreza, com a supressão de classes, honras e supremacias sociais, reinará como soberana por uma conversão dos corações.

Na leitura de Vattimo, Gioacchino da Fiore comunica-nos que a ideia fundamental de uma história da salvação ainda estaria em curso, o que equivaleria a efetivar-se. De certo modo, este efetivar-se se concretizaria pelo compasso histórico, que é o cerne da vida divina, portanto, o arcabouço da revelação. Por

entre o dado compasso histórico, culminaríamos na *Idade da Interpretação* (ou Idade do Espírito), que para Vattimo exprimir-se-ia como o *fim da modernidade* e o *processo de secularização* em curso. Nossa sociedade “pluralista” “acha que a interpretação seja “só” interpretação, e se ilude de criar um acordo com base nos “dados de fato” ou, inclusive, com base nas leis “essenciais” de natureza.” (VATTIMO, 2016, p. 15).

A integração acerca deste ponto de vista apoia-se, sobretudo, no livre-arbítrio com relação a *interpretação*, compreendendo o atual como uma *história da salvação* dada pelo pensamento de Gioacchino, tendo em conta a aguçada da subjetividade. A respeito da significação acerca desta “Idade da Interpretação”, Vattimo lança à profecia de justaposição, com a nomenclatura de *Terceira Idade*, a qual se pauta no momento do *fim da metafísica*.

Versa-se, nada obstante, o sentido basilar desta *Idade da Interpretação* no homem que busca “[...] não mais o texto e sim o espírito da revelação; não mais servos e sim amigos; não mais o temor ou a fé e sim a caridade; e, talvez, também não mais a ação e sim a contemplação [...].” (VATTIMO, 2004, p. 45). A partir da interpretação o extenso artifício de secularização é que sinaliza a viva obra de Gioacchino nos dias hodiernos, apresentada como um apêndice das categorias indispensáveis para a instituição da *idade terceira*.

Frente a estes dizeres, subentende-se que o rudimento desta aspiração romântica é um tempo que se doa sem medidas à sua atitude espiritual, sendo zelosa a interpretação. Além disso, de forma mais clara, destaca-se “[...] a secularização do pensamento e da sociedade moderna, que constitui também o sentido do fim da metafísica e da “descoberta” do ser como evento e como destino de enfraquecimento, [...].” (VATTIMO, 2004, p. 49).

Por meio deste livre-arbítrio interpretativo e legitimador da individualidade é que, segundo Vattimo, se faz o ideal da interpretação. Ou seja, uma via de relevo para com o secundário, donde as várias propriedades do real são debeladas a espertezas distintas, ora aparecendo como relevantes, ora também como irrelevantes. É a partir da interpretação que se ratifica o estético, ou seja, ele se confirma na significação do caso de fato que não se distingue com nitidez da fábula.

Acontecimentos como o da *secularização*, constituem, para Vattimo, a definição do *fim da metafísica*, a descoberta do *ser como evento* e seu destino de enfraquecimento. Portanto, “a revelação não revela uma verdade-objeto; fala de uma salvação em andamento.” (VATTIMO, 2018a, p. 44). A *Idade da Interpretação*, por conseguinte, é incorporada ao pluralismo, oferecendo abrasivas promessas diretas ao mundo.

A secularização que indagamos é análoga a “morte do Deus metafísico”, ou seja, a dissolução de um sagrado violento, que é o distanciar-se do absoluto, do Deus bíblico do Antigo Testamento. Em síntese, o *enfraquecimento* e o *esvaziamento de Deus* se dão na *kénosis*, que é, para Vattimo, a encarnação, ou seja, a *renúncia de Deus a própria transcendência e soberania*.

Carecemos, ainda, salientar a contenda entre o Deus encarnado e aquele totalmente outro antes adorado. Já que, para Vattimo, “[...] o Deus totalmente outro ao qual se refere grande parte da filosofia religiosa de hoje, não apenas não é o Deus cristão encarnado; é, ainda e sempre, o velho Deus da metafísica, [...].” (VATTIMO, 2004, p. 53). Ou seja, um Deus que é ideado como base última, inacessível à razão humana.

Neste sentido, Vattimo toma como base a ênfase da integração entre “espiritualização” e “enfraquecimento”, e, por conseguinte, à trama entre o pensar de Fiore e a atualidade. O fato com o qual estamos nos deparando é o de que a *pós-modernidade*, segundo Vattimo, é, respectivamente, o tempo em que resta aos homens os resquícios do *fim da metafísica* e o fim da visão geral “de História” como progresso linear.

Por meio deste panorama, a Modernidade, aparece enquanto o acontecer da história da salvação. Uma história voltada para a afronta ao sagrado e o “enfraquecimento” da fé no Ocidente. Por entre estes termos, Vattimo acredita ser difícil idearmos o progresso das formas políticas modernas em um sentido democrático, senão através de uma *concepção cristã de fraternidade*, a qual ocorra entre homens que se veem como filhos de um único Deus. Por assim dizer, “o cristianismo caminha em uma direção que não pode ser outra senão a de tornar leve e fraca a sua carga dogmática em favor de sua carga prática e oral. Também nesse sentido a caridade substitui a verdade.” (VATTIMO, 2016, p. 85).

Na *pós-modernidade*, ou melhor, na *Idade da Interpretação*, para Vattimo, é inexaurível reconhecermos a herança do Evangelho, abdicando-nos de interpretações literárias e autoritárias da Sagrada Escritura. O que denota que, “em palavras mais claras: a herança cristã que retorna no pensamento fraco é também, e sobretudo, herança do preceito cristão da caridade e de sua rejeição à violência.” (VATTIMO, 2018a, p. 37-38).

Por subsecutivo, só quando se puserem de lado todas essas austeridades de leitura que, então, segundo Vattimo, poderemos reconhecer genuinamente a *história da salvação* nos mais diversificados aspectos do mundo contemporâneo. Um tempo de pluralidade, que à mentalidade “ortodoxa” e “as igrejas oficiais, de maneira geral, tendem a condenar estes fenômenos religiosos como aberrações ou até fraudes, mas talvez seja o caso de os levarmos em consideração de forma mais tolerante e aberta.” (VATTIMO, 2004, p. 63).

Vattimo reafirma, ainda, um salto para além da objetividade, em favor da caridade. Pois, para ele, “[...] Deus “morre”, vitimado pela religiosidade, pela vontade de verdade que seus fiéis sempre cultivaram e que agora os conduz a reconhecer ele mesmo como um erro que agora pode se dispensar.” (VATTIMO, 2019, p. 171, tradução nossa).⁶ Segundo Vattimo é, mais do que nunca, preciso

⁶ Do original em Italiano: “[...] Dio <<muore>>, ucciso dalla religiosità, dalla volontà di verità che i suoi fedeli hanno sempre coltivato e che ora li conduce a riconoscere anche lui come un errore di cui si può ormai fare a meno.”

tomar a verdade como “comunitária”, mas também não pensar que isto seja a solução de todos os problemas de nosso tempo.

Portanto, só quando abrigarmos a realidade em sua completa diversidade e peculiaridade – como um atributo próprio da contemporaneidade –, é que a ideia de espiritualização (interpretação) de Vattimo recorre ao adágio de Gioacchino de Fiore, instituindo-se no enfraquecimento dos sentidos. Tais explanações, é claro, se impelem entre si, tornando a “verdade”, não mais uma simples adequação do intelecto às coisas, mas algo que se forja na plausibilidade e nas convicções existentes no cerne de um sistema em que hajam premissas, ou seja, em uma comunidade de intérpretes.

4. VERDADE-PÓS-METAFÍSICA: A VERDADE DO AMOR COMO CARITAS E KÉNOSIS

Na perspectiva de Vattimo, vê-se que a filosofia ocidental traz consigo caracteres totalizantes e metafísicos da verdade, isto porque quando não se aceita algum querer, se parte para a violência. Tal aspecto da metafísica em sua tradicionalidade é que passa a ser questionado por Vattimo. Por um lado, observa-se que a tradição adere certo *conservadorismo*; por outro, verificasse a ampliação da noção do círculo hermenêutico ao conhecimento histórico em uma relação de prejuízo. Ou seja, muito maior o erro, quando postulamos que “ a um príncipe, portanto, não é necessário ter, de fato, todas as qualidades supracitadas, mas é necessário parecer tê-las. ” (MAQUIAVEL, 2015, p. 78-79). Ou melhor, quando se criam possibilidades de se usar da mentira para representar o poder.

A hermenêutica, até Heidegger e Gadamer implica uma *Verdade como Monumento*, ou seja, algo que é feito, justamente, para durar e em hipótese alguma ser transformado, mas antes manter-se estática. Está tendência oferece uma possível resposta ambígua, ou melhor, uma ruptura com a tradição, cujo centro é dado pela *interpretação*. Pois “para se ver que, de fato, na mesma sentença também se fala da verdade, basta apenas recordar, antes, a palavra grega para o que nós chamamos de verdade: $\alpha\text{-}\lambda\eta\theta\epsilon\iota\alpha$, a se traduzir adequadamente por descobrimento. ” (HEIDEGGER, 2007, p. 110). Assim sendo, Vattimo, retoma a oposição a noção metafísica da verdade como adequação da preposição ao estado das coisas, pois compreende que a verdade não pode, meramente, ser registrada objetivamente, mas sim ser descoberta.

No que tange a *pré-compreensão* entende-se estar colocado o fato de o homem se dar no mundo, mas não de uma maneira viciosa. Senão como um contínuo entrar em contato com aquilo que se dá, para articular novas visões de mundo, mais comuns e autênticas. A *morte*, neste sentido, também tem sua parte nesta reflexão, visto que, ela abre à existência histórica possibilidades distintas.

Ou seja, Vattimo preza, acima de tudo, pelo filosófico e pelo cultural. A tradição, para ele, compreende algo inestimável ao viver, algo que nos faz parte sem nem ao menos buscar, pois nascemos dentro de certos parâmetros de cultura e

costumes. Então, contrário ao pensamento metafísico (ou pensamento forte) das estruturas fixas e objetivas, Vattimo propõe um pensamento enfraquecido.

Vattimo lança o pensar de Nietzsche e Heidegger, porque eles também criticaram a ideia de verdade objetiva. Uma vez que, segundo o autor italiano, “não é tão paradoxal pensar que a “verdade objetiva” serve para sustentar o poder: por exemplo se poderia argumentar que, em essência, Deus deve existir, como um ente dado de alguma forma, para legitimar o poder da Igreja.” (VATTIMO, 2018b, p. 137, tradução nossa).⁷

Ao mesmo tempo, Vattimo, também faz um breve panorama da ideia de verdade na história. Pois se olharmos a história, segundo ele, veremos que para Platão (428-347a.C.) a verdade se encontraria nas ideias imutáveis, na essência transcendental e na possibilidade de falar sensatamente. Dado que a *Idade da Interpretação* é aquela que nos sugere uma *Verdade Pós-metafísica* que, segundo Vattimo, é acima de tudo o reconhecimento de Deus como aquele que nos diz: “já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que seu senhor faz; mas vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer.” (Jo 15,15).

No *Cristianismo* a verdade das coisas esta para além, ou seja, a conhecemos quando vimos Deus. Para *Immanuel Kant* (1724-1804) a verdade reside na mente, pois é nas estruturas estáveis que a razão organiza um mundo dos fenômenos, embora não se saiba como eles são “em si”. Já no positivismo de *Auguste Comte* (1798-1857), chama-se verdade só o que é positivamente comprovado pelo método experimental, ou seja, o que é produzido e manipulado pelo sujeito, que modifica constantemente as coisas.

É preciso que o ser humano se dê conta, segundo Vattimo, de que o ser verdadeiro não é o objeto, pois “com uma imagem podemos dizer que o ser verdadeiro é, antes, a luz na qual os objetos aparecem a nós, ou melhor, o conjunto de pressupostos que nos tornam a experiência possível.” (VATTIMO, 2016, p. 22). Dado que é crível sempre ter em mente, que as preposições agradam a um acurado estado de coisas e elas cobram métodos, critérios e modelos para verificação.

A verdade das preposições é, para Vattimo, aquela que depende de outra mais originária. Afinal, “interpretar não é tomar conhecimento do que se compreendeu, mas elaborar as possibilidades projetadas no compreender.” (HEIDEGGER, 2012, p. 209). Temos, então, que nos vestir daquela verdade cristã.

Assim, para Vattimo, se o verdadeiro fosse só o que é objetivo e coletável, a nossa existência de sujeitos livres não teria sentido nenhum, pois não poderíamos nem dizer algo sobre nós mesmos – o que somos –, estaríamos, simplesmente, colocando-nos de frente para com totalitarismo.

⁷ Do original em Italiano: “Non è così paradossale pensare che la “verità oggettiva” serva per sostenere il potere: per esempio si potrebbe sostenere che, in buona sostanza, Dio deve esistere, come ente dato in qualche modo, per legittimare il potere della Chiesa.”

Resta-nos pensar a existência dentro dos parâmetros da liberdade e da projetualidade, dado que a ideia de verdade como abertura, nestes termos, se caracteriza como a mais propícia. Pois a partir do *ser como evento*, “nós sempre colocamos em ação um sistema de critérios que se validam somente aprè coup, somente se eles funcionam na conversação e somente se o que digo pode se tornar um pequeno clássico entre nós.” (VATTIMO, 2006, p. 84).

Ao mesmo tempo sabemos que este tipo de verdade, na modernidade, sofreu críticas veementes, pois um fato interpretativo era considerado uma mentira social, sendo a verdade somente o que fosse provado pela empiria. Neste aspecto é que devesse duvidar mais se bem observarmos a história.

Ao considerarmos que não há verdades absolutas, somente interpretações, autoritarismos são desmascarados, evidentemente, bem como pretensões de impor comportamentos que não concordam com o homem em nome de uma “lei natural”. Dado que “toda concordância e, assim também, toda “verdade” é uma relação. Mas nem toda relação é uma concordância.” (HEIDEGGER, 2012, p. 286). Por outro lado, está libertação dos autoritarismos metafísicos, para Vattimo, parece deixar um vazio no homem. Vazio que clama uma verdade de abertura e não de correspondência.

A conclusão a que quero chegar é que a verdade como algo absoluto, como correspondência objetiva, entendida como última instância e valor de base, é um perigo, muito mais que um valor. Leva à república dos filósofos, dos especialistas, dos técnicos e, no limite, ao Estado ético, que pretende poder decidir qual seja o verdadeiro bem dos cidadãos, mesmo contra a opinião e as preferências deles. (VATTIMO, 2016, p. 26).

47

Vattimo quer pensar a verdade nos termos hermenêuticos, ou seja, uma verdade construída a partir da edificação do *consenso* e de *amizade civis*. Mais do nunca, sendo imperativo que se compreenda que “a caridade evoca a mortalidade, a finitude, a caducidade; desvela e corrói as pretensões da força, do poder, do domínio, do fundamento único, da presença; mostra o abismo dos vestígios, a falta, a angústia.” (PECORARO, 2005, p. 49).

Vivemos, sempre mais, a contradição entre o valor da verdade “objetiva” e a consciência da realidade, enquanto um confronto de interpretações. Um conflito que, enfim, não pode ser vencido, simplesmente, pela pretensão de se chegar a verdade das coisas. Assim sendo, “[...] a experiência da verdade é antes de tudo escuta e interpretação de mensagens [...], a inderrogabilidade da revelação cristã nos é dada quando nos damos conta de que sem ela a nossa existência histórica não teria sentido.” (VATTIMO, 2006, p. 74).

Na sociedade contemporânea, uma sociedade onde há comunicação generalizada, não buscamos mais um fundamento para o ser, mas sim uma vasta pluralidade de relatos e manifestações diversas. Haja vista que o que se faz imprescindível na pós-modernidade “[...] é interpretar a história, o ser e a linguagem presentes nas diferentes culturas, respeitando a diversidade encontrada

em cada uma delas. ” (SCOPINHO, 2004, p. 106). Assim é notório que a verdade enquanto um *fundamento último* da realidade não existe. Todas as coisas estão dentro de um *jogo de interpretações*, uma situação *de finitude e enfraquecimento*. Para tanto a verdade passa por uma crise, não sendo mais um alicerce ontológico.

A reflexão vattiminiana permite reinterpretar a verdade, despindo-a de suas categorias originárias da tradição ocidental. Pois “[...] o Ser-ai só se funda como uma totalidade hermenêutica na medida em que vive continuamente a possibilidade de não existir-mais. ” (VATTIMO, 2019, p. 120-121, tradução nossa).⁸ Ou seja, a fundação do Ser-ai coincide com o seu “desfundamento” e a sua totalidade hermenêutica se funda na possibilidade do vir a não existir mais. A alteridade, por conseguinte, torna-se o critério fundamental para uma melhor abordagem do conceito no tempo hodierno, através do respeito pelo outro, ou seja, pelo que é plural diante do eu singular.

Assim, mesmo que não exista nenhum lógos objetivo da natureza da realidade, o tempo todo que concordamos sobre alguma coisa realmente damos um tipo de testemunho, percebemos um tipo de continuidade do lógos, que é o único critério que de fato temos. Esta é a razão pela qual eu insisto em caridade, porque a caridade poderia ser algo pensado como uma metarregra que nos obriga e nos empurra a aceitar os diferentes jogos de linguagem, as diferentes regras dos jogos de linguagem. (VATTIMO, 2006, p. 81).

Portanto, para Vattimo, a legitimação da verdade deve ocorrer em meio à tradição histórica em que nos inserimos. Esta verdade elucidada por Vattimo é, por conseguinte, sempre relacional, sendo assim ela se dá dentro do diálogo. No diálogo porque a verdade é, justamente, o *Lógos* ou o *Verbum que se encarna*. Ou seja, a verdade é o evento que acontece em uma tradição, a qual não sendo uníssona é validada em meio a uma comunidade da qual todos os seus integrantes são chamados a fazer parte. Compreende-se, contudo, que estamos e sempre estaremos a tratar apenas de interpretações, mas, com efeito, também sabemos que a verdade se apresenta como um evento e não mais como fundamento último.

5. CONCLUSÃO

Em vista dos argumentos apresentados no decorrer do artigo, construídos a partir do pensar vattiminiano, conseqüentemente, é infável salientarmos que a *Idade da Interpretação* tem por viés o respeito aos desígnios da verdade em seus limites, os quais se dão por meio de uma tradição hermenêutica. Por meio da *herança* compete-nos, de tal maneira, observar que a metafísica marcou o pensamento histórico da humanidade, justamente, pela cobiça há um alicerce derradeiro e absoluto de toda realidade, ou seja, um caminho donde o ser pudesse

⁸ Do original em Italiano: “[...] l’Esserci si fonda come una totalità ermeneutica solo in quanto vive continuamente la possibilità di non esserci-più.”

ganhar corpo, ou melhor, ser arquitetado como algo fixo. Tal fato, para Vattimo, demanda uma ultrapassagem, que só pode ser ideada através de um caráter prático.

Desta maneira, Vattimo exibiu-nos quão crível é seu empenho pela edificação de um caminho que almeja voltar-se ao ser e ao Cristianismo. Isto compreende-se, justamente, por meio de fatos como o da morte de Deus e do fim da metafísica, que marcaram a filosofia do fim da modernidade. Vattimo ponderou Nietzsche e Heidegger como ativos para a abertura de um novo tempo, o da *Idade da Interpretação*, sobretudo, porque eles desatam o ser (Deus) do enclausurar racionalista atribuído pelo legado histórico-metafísico.

Assim sendo, Vattimo parte do entendimento *heideggeriano* para uma recuperação do conceito de ser como evento, sugerindo que tal visão é aceitável em uma cultura acurada, através do Cristianismo. Por imediato, a “morte de Deus” salientada no pensar *nietzschiano* volve-se, para Vattimo, enquanto uma circunstância propícia para a retomada do tema de Deus, pois, o que falece para ele é o rigorismo das exposições a respeito de Deus, ou seja, o que Heidegger teria chamado de confusão entre *ser e ente*.

Em virtude dos fatos mencionados, destaca-se que a pós-modernidade tem os meios de comunicação social enquanto ápice a partir das ampliações da própria modernidade. No entanto, ainda é estimado o aumento de um *vazio* inter-humano, tanto no quesito dos sentidos, quanto diante das expressões sacrificiais vividas. O homem *pós-moderno*, neste sentido, constitui-se pela aptidão de conviver com o pluralismo de forma dialogal, ou seja, não mais pela via do autoritarismo. Como consequência nos cabe, hoje, compreender que a verdade deixou um caráter de imposição para dar-se enquanto acontecimento.

Levando em consideração esses aspectos, Vattimo retoma o Cristianismo por meio de *Joaquim de Fiore*, a fim de explicar que não se versa um retorno para com algo que já se foi. Entretanto, busca-se o reconhecimento de que o Ocidental é causado por princípios como o da *encarnação*, da *kénosis* e da *caritas* – conceitos que competem a tradição, ou seja, a herança cristã do Ocidente. O Cristianismo, portanto, é aquele que carrega em sua essência uma densa aptidão para tornar-se sempre mais atual. Isto seria possível pela via da caridade, pois, segundo Vattimo, o Cristianismo vive a secularização, não como adversária, uma vez que há que se crer e lembrar o esvaziamento de Deus pela *kénosis*.

Diante disto, Vattimo discorre que o *niilismo* é o meio essencial, justamente, para o desabrochar do verdadeiro Cristianismo. Por conseguinte, o Cristianismo instigado ao seu fim derradeiro aborda o niilismo, não enquanto crença do nada, porém como abertura ao ser que é idealizado como presença e entrega fecunda. Acepção em que o sujeito encravado no fim da modernidade aparece como aquele que questiona os tempos anteriores, tendo sempre por considerar sua bagagem *histórico-destinal*, ou seja, sua *pré-compreensão*.

Deste ou daquele modo, aproximar-se da experiência pós-metafísica da verdade, depende da conduta pela qual o sujeito aborda, de modo interpretativo, seu tempo, nos seus diversos imperativos e medidas próprios. Assim, distinguindo

as regalias que aplacam o ambiente no qual o homem se insere, deve-se levar em conta o mundo que, por totalidade, é ensejo para olhar-se a si próprio com caráter de julgamento, valorando-se ou alocando-se através de prerrogativas. O homem com seu desejo intrínseco de filosofia sempre busca a experiência da verdade, mesmo que ela se mostre fugaz, pura e simples, durando apenas momentos.

Perante isto, fica claro, que aproximar-se da experiência pós-metafísica da verdade depende da conduta racional do sujeito, sendo necessário considerar os diversos imperativos contemporâneos, mesmo quando esses sinalizem que toda a realidade se tornou objeto de análise científica. Tendo em vista sempre a inefável inquietação que os indivíduos detêm frente a validade de seus dizeres ou com a proximidade máxima para com a veracidade daquilo que por eles tende a ser expresso, o hodierno sugere sempre mais respostas, ou melhor, verdades relacionais. Seja perante a História já dada, ou para com o que pelo homem pode ganhar novos sentidos, tornando-se bagagem à vida de sujeitos futuros.

Para tanto, compreendemos que Nietzsche está presente, sobretudo, no pensar vattiminiano, por ter demonstrado que aquilo que nos parece ser a verdade é uma interpretação, porque condiz com o epocal. Pois se dizemos que não existem verdades objetivas em lugar algum, é porque não há ninguém que veja a verdade sem ser com os olhos e, assim sendo, também lembramos que os olhos são sempre de alguém. Se quero arrancar os olhos para ver as coisas como realmente são, então, não vejo mais nada.

Destarte, a interpretação é um processo infundável, que requer um contínuo e incessante aprofundar. Só é preciso abrir os olhos, o quanto antes, e ver que a verdade não é objetiva dentro de uma disciplina do diálogo. É necessário sermos conhecedores de nossas heranças, precisamente, para entendermos o sofrimento e a dor que uma verdade metafísica pode causar-nos. Por isso que, para Vattimo, não existem princípios absolutos e objetivos, mas interpretações, que ainda devem ser acuradas dentro de um contínuo movimento de enfraquecimento, ou seja, em pontos de vista relacionais.

Ao mesmo tempo, através da globalização passamos a não ter nem controle sobre nossos dados pessoais e opiniões. Tudo parece estar sendo controlado por algum computador. O mundo, além disso, sublinha sua caminhada em direção a um futuro em que nossa vida privada estará sempre mais visível e controlável. Podemos ser visíveis, mas o problema, segundo Vattimo, é que nem todos o são.

Por imediato, se sabemos que a verdade não é definitiva, buscamos fazer acordos e escutar os outros, ou melhor, corrigir-nos. Essa é a hermenêutica para Vattimo, pois a verdade acontece no diálogo intersubjetivo, na alteridade. Vattimo é um cristão católico, mas não acredita em estruturas dogmáticas, ou seja, em uma atitude que seja de tal modo que não possa mudar de nenhuma forma. Também não é fundamentalista, porque antes da verdade dos princípios absolutos, ajuíza que há diante dele um outro, o qual deve amar como a si mesmo.

Em um mundo multicultural como o contemporâneo, a única coisa que ainda pode nos salvar, para Vattimo, é a caridade e o respeito pelo outro. Vattimo

é extremamente realista e acredita que, excepcionalmente, a filosofia é um meio possível, no processo histórico, para alcançarmos a salvação; porém, não tem a ilusão de criar situações donde só ela seja cabível. Pois, se há um tempo em que o pensamento enfraquecido se faz necessário, para Vattimo, é justamente o atual, em que nos vemos diante de fanatismos e fundamentalismos.

Na leitura vattiminiana, desse modo, o niilismo é definido como uma perda dos valores supremos. Hoje, segundo Vattimo, ainda não somos suficientemente niilistas. Pois, se bem analisarmos os terrorismos, veremos que eles são em sua assustadora maioria de tipo fundamentalistas, ou seja, são praticados por pessoas que creem veementemente, a ponto de matar-se a fim de impor sua crença a outros. A vocação do homem na Idade da Interpretação é a de assumir de modo pleno a responsabilidade por si próprio. Uma vez que, para Vattimo, a vida é um sucessivo “rimettersi”, assumido através do movimento da kénosis, ou seja, pela via que Jesus Cristo transmite sua divindade à humanidade. E não por meio de potências obscuras ou de alguma divindade que decide de forma violenta, sem que compreendamos os momentos vitalícios de nascimento e de morte.

Por conseguinte, nos cabe observar que as coisas não caminham mais naturalmente, e que devemos deliberar sobre elas. Dado que, perguntar “o que é a verdade?”, já é uma pergunta errada, porque supõe que a verdade é algo determinado e fixo. De outro modo, uma definição possível da verdade é, exatamente, não aquilo que é dado de fato, mas aquilo que nos chama a outro algo, a uma situação alternativa ou àquilo que muda. A *Verdade Pós-Metafísica* é, conseqüentemente, algo dinâmico e não um dado objetivo, pois ela não depende só de mim. Portanto, nos cabe assumir toda a responsabilidade por nossa própria existência, pois, só nos é possível usufruir da experiência da verdade, no mundo em que nos encontramos mergulhados, ao passo que nos percebermos parte deste ambiente, com base na caritas e nos princípios do respeito à liberdade do sujeito, efetivamente, interpelável.

REFERÊNCIAS

BIBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 6. ed. Petrópolis: Vozes/Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

_____. **Ser e verdade: a questão fundamental da filosofia; da essência da verdade**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes/Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. Tradução de Hingo Weber. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

PAREYSON, L. **Verdade e Interpretação**. Trad. Maria Helena Nery Garcez, Sandra Neves Abdo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PECORARO, R. **Nihilismo e (pós) modernidade**: introdução ao “pensamento fraco” de Gianni Vattimo. São Paulo: Loyola/Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2005.

ROCHA, A. R. **Filosofia, religião e pós-modernidade**: uma abordagem a partir de Gianni Vattimo. São Paulo: Ideias & Letras, 2013.

SCOPINHO, S. C. D. **Filosofia e sociedade pós-moderna**: Crítica filosófica de Gianni Vattimo ao pensamento moderno. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

VATTIMO, G. **Adeus à verdade**. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. **Crer que se crê: é possível ser cristão apesar da Igreja?** Petrópolis: Vozes, 2018a.

_____. **Depois da cristandade**. Trad. Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **Essere e dintorni**. A cura di Giuseppe Iannantuono, Alberto Martinengo, Santiago Zabala. Milano: La nave de Teseo, 2018b.

_____. Idade da interpretação. In: RORTY, R.; VATTIMO, G.; ZABALA, S. (Orgs.). **O futuro da religião**: solidariedade, caridade e ironia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

_____. **La fine della modernità**. Milano: Garzanti Elefanti Saggi, 2019.

Leandro Uber

<http://lattes.cnpq.br/6065193394440824>